

"GLOTAL: A NOVA ESTRATÉGIA DA SEGURANÇA MUNDIAL"

Capitão-de-Corveta (FN)

DALMO HONAISSER

É evidente que os problemas de **ESTRATÉGIA** e **SEGURANÇA** da atualidade não apresentam os aspectos de 1939, 1914 e menos ainda das guerras napoleônicas. Está provado que o Japão "trabalhou" estrategicamente cerca de dez anos para surpreender as forças dos Estados Unidos em Pearl Harbor. Atualmente, as grandes potências (ou melhor dito, os conjuntos de grandes potências) possuem um dispositivo estratégico permanente capaz de ser deflagrado — total ou parcialmente — em poucos minutos. Nessas condições, os "ataques de surpresa" não constituem o pesadelo dos Secretários de Defesa e Chefes de Estados-Maiores. Um exemplo esclarecerá o assunto: no alto mar da Indochina (águas internacionais), algumas belonaves norte-americanas foram surpreendidas por torpedos lançados por navios de pequeno porte, pertencentes ao Vietnã do Norte; quase imediatamente Washington deu ordem de represália contra os navios e suas próprias bases. A resposta foi executada tão rapidamente e com tanta eficiência que os verdadeiros surpreendidos foram os surpreesantes.

Na definição histórico-etimológica, **ESTRATÉGIA** significa: "ciência que ensina a conceber, organizar e conduzir as operações militares até chegar à presença do inimigo".

Esta definição do conceito estratégico foi válida até 1945, porque até essa época, existiam vários espaços terrestres, marítimos e aéreos — nos quais se podiam verificar e concluir as guerras. De **ALEXANDRE**, **ANÍBAL**, **CÉSAR**, **CARLOS MAGNO**, **FREDERICO**, **NAPOLEÃO**, até **MACARTHUR** e **EISENHOWER**, a estratégia obedeceu a doutrinas que chamaremos clássicas. Hoje em dia, porém, existe uma **NOVA ESTRATÉGIA**, que poderemos definir como **ESTRATEGIA "GLOTAL"** para a **SEGURANÇA** do progresso e bem-estar de todas as sociedades, todos os continentes, todos os mares e espaços aéreos do planeta, decorrência da hipótese de guerra nuclear e da realidade das guerras revolucionárias. (Enquanto a chave da primeira está no Tratado de Proscrição das Armas Nucleares — Kennedy e Krushev — a segunda a tem na "Populorum et Progressio" — Paulo VI, com o Desenvolvimento).

Os cérebros desta NOVA ESTRATÉGIA não são tantos quantos se crê, geralmente. Na realidade existem apenas dois centros nervosos e decisivos principais, que cuidam da responsabilidade total da PAZ e da GUERRA: o primeiro é Washington, o segundo Moscou. É verdade que Washington está permanentemente em ligação com importantes centros secundários, mas a decisão final cabe a êle; o mesmo se pode dizer de Moscou.

A gravidade do atrito Sino-Soviético é precisamente o fato de os chineses pretenderem "decidir" sôbre problemas que o Kremlin considera de sua exclusiva responsabilidade. (A posição de De Gaulle (1) no campo "Ocidental" é menos grave, mas parecida).

Na história da humanidade sempre houve uma potência que detinha o cetro da segurança do mundo; com a marcha dos acontecimentos, os mesmos mudavam de senhores e de local.

Em 334 AC, ALEXANDRE MAGNO, depois de valiosos triunfos sôbre Dario e Isso, assegurando o poder de Atenas no Egeu e Iônio, foi-se a conquistar o Egito, todos os territórios do Oriente Médio e uma parte da Índia. O Império de Alexandre pode ser considerado o primeiro exemplo de segurança mundial-militar.

Em 219/216 AC, ANÍBAL de Cartago passa pela Espanha, transpõe os Pirineus e os Alpes; encontra os romanos no Ticino, na Trébia, no lago Trasimeno e em Canes. Quatro batalhas, quatro vitórias do grande capitão cartaginês. Com êste triunfo (II Guerra Púnica) temos o segundo exemplo.

CAIO JÚLIO CÉSAR, de 58 a 50 AC, conquistou todos os territórios gálicos e ibéricos, chegando até às Ilhas Britânicas. Assim deu César a Roma a segurança mundial e militar por cêrca de quatro séculos.

No ano 800, o Papa Leão III consagra CARLOS MAGNO Imperador do Ocidente. Esta cerimônia significa o início da segurança mundial e militar do mais famoso Império da Idade Média.

As vitórias do Almirante NELSON em Abukir e Trafalgar (1798), contra as fôrças navais espanholas e francesas, deram à Grã-Bretanha uma das modalidades de segurança militar (Domínio dos Mares).

As duas Grandes Guerras (1914/1918 e 1939/1945) foram dois grandes triunfos dos Estados Unidos, marcada esta última pela explosão das bombas atômicas sôbre Hiroxima e Nagazaki (1945).

Como estão distribuídos os meios atômicos da atualidade?

(1) A França, a 1º de julho de 1967, denunciou o Acôrdo Militar existente na OTAN, mantendo, no entanto, oficiais de ligação junto aos Estados-Maiores da Organização, embora não estejam integrados. Sob os outros aspectos do TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE, permanece a ela vinculada.

1º) O arsenal atômico pode ser assim dividido:

(dados estimados, segundo informações do Instituto de Estudos Estratégicos, com sede nos EE.UU.)

| | |
|----------------------|---------|
| Estados Unidos | 60% |
| Rússia | 30% |
| França | } |
| Inglaterra | |
| China | |
| | 10% |

Considerando êstes dados, podemos concluir que, das cinco potências atômicas, somente os Estados Unidos estão razoavelmente em condições de tomar a iniciativa de um ataque atômico; mas, como todos sabem, é possibilidade remota que êle venha a fazê-lo.

2º) Quanto à União Soviética, a possibilidade é absurda.

3º) Quanto à Inglaterra, França e China, a possibilidade é inexistente (2).

Visto que as cinco potências atômicas não apresentam boas condições estratégicas para um ataque nuclear preventivo, conclui-se que — nas condições atuais — não existem probabilidades de conflitos de caráter atômico.

(Alguns estrategistas e cientistas trataram de vários casos e meios de captação; de interpretações precipitadas; de cálculos baseados em instrumentos cansados, etc., tentando demonstrar que a guerra nuclear pode vir a ser deflagrada devido a causas acidentais... Nos últimos dez anos foram registrados mais de vinte casos nos quais os dispositivos de controle de segurança funcionaram com uma margem tranquilizadora).

Mas, para completar o quadro das possibilidades mais absurdas, admitamos que se verifique um ataque atômico, seja lá por que causa fôr. Não pretendemos ter o formulário profético das consequências que determinariam um ataque nuclear estratégico e das conseqüentes retaliações. O que nos parece mais razoável, porém, em tal loucura do espírito humano, é o seguinte: o País que dispuser de uma grande superioridade estratégica, golpearia o inimigo de tal forma que ao País mais fraco não restariam possibilidades materiais para prosseguir a guerra.

(2) A explosão atômica chinesa, verificada em 17 de outubro de 1964, e a bomba de hidrogênio, em 17 de junho de 1967, ainda não possuem significação de caráter geo-atômico militar, tendo somente valor definido no plano político interno da própria China, da região asiática, e no plano psicossocial internacional.

Sendo — como já demonstramos — que os Estados Unidos dispõem de uma enorme superioridade estratégica, em relação a qualquer outro, o resultado quase imediato da “Blitzkrieg” atômica seria uma irremediável liquidação dos centros vitais do País mais fraco e uma razoável destruição do complexo nacional do vencedor.

O depoimento do General JAMES M. GAVIN perante uma comissão de inquérito do Senado Norte-Americano, publicado no “The New York Times”, em 29 de junho de 1956, é esclarecedor:

Senador JAMES H. DUFF — Gostaria de saber se, no caso de uma guerra nuclear, a nossa Fôrça Aérea Estratégica atacasse a Rússia com armas nucleares de modo que estas explodissem e fôssem levadas pelos ventos por sobre a Rússia, na direção sudeste, qual seriam, na sua opinião, os efeitos letais sobre as pessoas que estivessem sujeitas a essas circunstâncias?

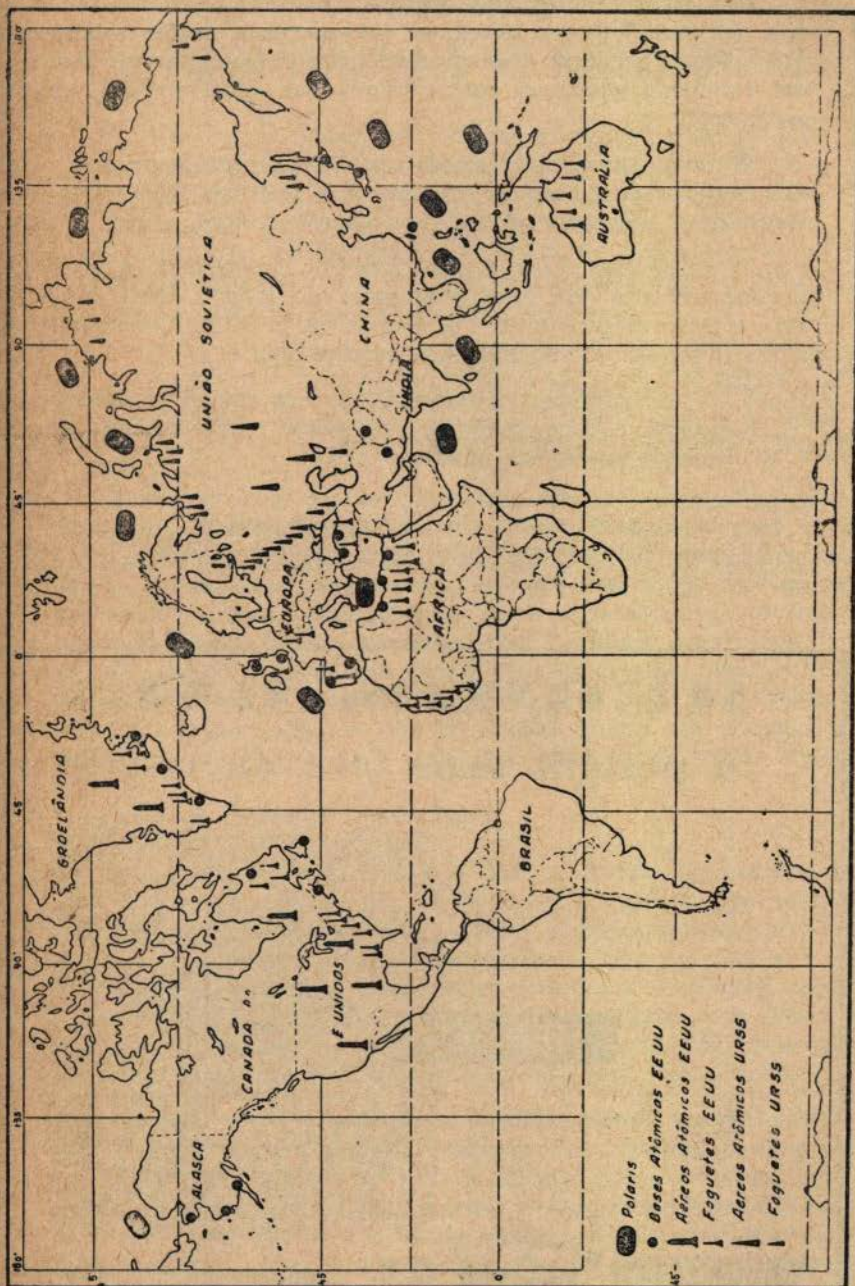
“— Vou dar uma resposta, e resposta específica, disse o General...

As estimativas correntes na planificação elevam-se a várias centenas de milhões de mortos, dependendo da direção em que soprar o vento. Se soprar para sudeste, as radiações cairão principalmente sobre a U.R.S.S., embora alcançassem também a área do Japão e provavelmente até a das Filipinas. Se o vento soprar na direção oposta, elas voltarão para cair na Europa Ocidental. E emprego a expressão “várias centenas de milhões”, que contrasta com as estimativas citadas na *Fortune Magazine*, como uma cifra várias vezes inferior à realidade. Foram feitos estudos sobre o assunto, eu sei, e que são muito interessantes e merecem ser conhecidos.

Antes dessa pergunta, o Senador Symongton se havia referido a um artigo na *Fortune Magazine*, no qual se calculava que 110 bombas de um tipo já lançado, atingindo os Estados Unidos em intervalos de dez minutos, destruiriam ou inutilizariam, cerca de 70 milhões de pessoas.” (3)

Diante do chamado “equilíbrio do terror”, avultou na sociedade mundial a Guerra Revolucionária. Desde 1917 até os dias atuais inúmeras ocorreram — umas com sucesso e outras com insucessos: Rússia, China, Espanha, Iugoslávia, Palestina, Indochina, Malásia, Iran, Filipinas, Birmânia, Grécia, Tcheco-Eslováquia, Tunísia, Coréia, Marrocos, Argélia, Congo e Vietnã.

(3) “A Revolução Militar e Industrial do Nosso Tempo” — Fritz Sternberg — (Tradução) — Rio de Janeiro, 1962.



Esta última contém uma profunda resposta, com sua vitória ou sua derrota. Podem e devem as infrações e nações subdesenvolvidas adotar a guerra revolucionária, como meio de prover o seu desenvolvimento geral, em contraposição aos objetivos das grandes potências?

Na atual situação do Mundo, a Nação norte-americana possui um conjunto de potenciais econômicos e militares idôneos, para garantir-lhe a segurança global. Por quanto tempo?

Os problemas da moderna Estratégia apresentam mil aspectos e complexidades. Na atual conjuntura do mundo, Segurança GLOBAL e Desenvolvimento TOTAL dos povos (GLOTAL), constituem — a nosso ver — os braços do guerreiro da Paz.

... “e perdura a necessidade de uma reação americana, imaginosa e construtiva, às exigências revolucionárias de um mundo em rápida mudança”. (4)

(4) “Estratégia da Paz” — John F. Kennedy (pág. 78).

NR — A Redação pede desculpas ao autor pelo lamentável erro de revisão no rodapé da pág. 125, do número de Mar/37, onde apareceu “... más idéias...” em lugar de “... suas idéias...”.

HERMES BABY

a portátil mais leve do mundo



HERMES

o presente ideal

ORGANIZAÇÃO *Ruf* S. A. Equipamento para Escritórios
Representante em todo o Brasil